



**Faces de uma mesma moeda: Onde o Ensino de História encontra os rastros da História nos lugares da cidade: na memória, no patrimônio, nas culturas – relato de experiência de um professor de História.**

AUGUSTO MONTE SÍNOLA CARDOSO JUNIOR\*

Este relato de experiência de um professor de História do Ensino Fundamental II com alunos do 7º ano, em Feira de Santana – Ba, pretende apontar para a possibilidade de articulação nos estudos acerca do Ensino de História e da História, através da interseção História, Memória e Patrimônio.

Na tentativa de aprofundar junto com os alunos do 7º Ano os estudos sobre a transição Idade Média - Idade Moderna, através da temática *Renascimento Comercial*<sup>1</sup> (CAMPOS, 2012, p. 58-109), nos lançamos numa proposta de estudo sobre as feiras daquele momento e sua relação com a feira livre que está inserida na memória e na história da cidade de Feira de Santana. O rastro encontrado (a especificidade deste constructo sócio-histórico) que possibilitou a seguir viagem foi justamente entender a articulação entre memória e o patrimônio da cidade, *concretizada* na figura de um painel<sup>2</sup> construído em azulejo, exposto no terminal rodoviário desde os anos sessenta do século passado, enquanto memória de um momento historicamente vivido, carregado de elementos simbólicos que remetem a identidades culturais. Partimos nessa direção, no alcance desta nova sala de aula, a *rua*, a feira livre, o campo do gado, dentro da rodoviária da cidade onde, junto com cerca de sessenta alunos, iniciáramos nossa investigação acerca de uma possível comparação entre as feiras - aquela do início da Idade Moderna e a feira livre da nossa *urbis* - procurando compreender essa última como possibilitadora de uma análise sobre feira livre, personagens, memórias, brinquedos, produtos comercializados, literatura de cordel, gênero, *modernidade* (CABRAL, 1991, p. 147)... Em Feira de Santana<sup>3</sup>!

---

\*Licenciado em História pela UEFS, especialista em História da Bahia pela UEFS, Professor da Rede Pública e Rede Particular em Feira de Santana.

<sup>1</sup>CAMPOS, realiza uma discussão pertinente sobre o tempo, dinheiro, capitalismo e mudanças de mentalidades

<sup>2</sup> Painel pintado por Lenio Braga e Udo Knoff, artista plástico e ceramista respectivamente, com inspiração na feira livre daquele período, uma peça importante do Terminal Rodoviário de Feira de Santana e da História, da Memória e no Patrimônio da cidade.

<sup>3</sup> Feira de Santana é considerada a segunda maior cidade da Bahia e a sexta maior cidade do interior do Brasil (<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1644492>). Fica na entrada do sertão, (aqui, quase com aquele sentido literal do *longe perto*, de Jerusa Pires Ferreira), um ponto geográfico denominado Agreste, uma estreita faixa que separa o Litoral (e nesse caso também o Recôncavo), do sertão catingueiro, do ardor do sol, da seca, da imagem construída *por muita gente Brasil fora*, a televisão, como um exemplo, se encarrega de popularizar este tipo de visão sobre o nordestino (ALBUQUERQUE, 2001, p.19) com chapéu de palha ou de couro, parecendo violento, tabaréu (, fora do eixo do desenvolvimento do resto do país.

Para além de um ensino de História voltado para as delimitações do livro didático, nos propomos a lançar mão de uma proposta curricular que favoreça a presença do professor de História – historiador, atuando no espaço escolar. O que poderia parecer uma questão de ordem dicotômica, mostrou-se imensamente dialógica e favoreceu um projeto de estudos de Ensino de História, e da própria História, voltado para o (re) conhecimento sobre nossa cidade.

Ao longo do tempo sabemos, o Ensino de História passou por uma profunda transformação. Daquele quadro inicial onde o método de memorizar um conteúdo significava o próprio conhecimento do fato histórico<sup>4</sup> (BITTENCOURT, 2012, p. 69), avançou consideravelmente para a atual leitura do processo ensinar-aprender- ensinar junto ao *homem* inquieto que somos<sup>5</sup> (FRITZEN, 2008, p. 15), ou ainda aprender-ensinar-aprender, onde passamos a enxergar não apenas uma necessidade de transformação da postura metodológica, mas da concepção do sujeito que está comungando a ação conosco. Nessa perspectiva, lançamos mão de uma abordagem que possibilitasse encaminhar o Ensino de História ao mundo lá fora, onde os fatos acontecem (sem querer dizer que não acontecem na sala de aula): a feira livre do painel da rodoviária e outros pontos da cidade seriam objetos de estudo, de reconhecimento da sua importância enquanto marco, enquanto memória, enquanto história, enquanto arte, enquanto patrimônio<sup>6</sup> (GRUNBERG, 2007, p. 07).

A nossa leitura, que se pretende interdisciplinar, ousa possibilitar uma estreita relação entre a educação e outros saberes, através do ensino, por exemplo, de História (ROCHA, 2009, p. 115)<sup>7</sup>. Através do conceito de cultura, a Antropologia se apropria de uma possibilidade concreta de estudar o ser humano (DAMATTA, citado por ROCHA, 2009, p.116), razão de ser da História. Por outro lado, a produção da cultura numa concepção nossa de cultura popular, apresenta uma leitura do cotidiano, das relações entre sujeitos e entre sujeitos e lugares, que, se antes já possibilitavam vislumbrar os *lugares de memórias*, agora possibilitam um novo entendimento sobre Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial através do estudo das manifestações culturais que herdamos (GRUNBERG, 2007, p. 07). Claro está para todos que se entendemos o que é o Patrimônio Cultural (elemento relevante da nossa história), a

---

<sup>4</sup>A discussão sobre a História do Ensino de História mereceria uma outra discussão, um outro artigo, tal a seriedade do tema.

<sup>5</sup>Que tal pensarmos um pouco mais sobre o papel do *professor – pesquisador*?

<sup>6</sup> Já existem manuais de atividades práticas de Educação Patrimonial, publicados pelo IPHAN. Em alguns deles, como o de Evelina Grunberg, algumas atividades podem servir como norte para o nosso trabalho.

<sup>7</sup> Rocha pretende uma discussão/relação da Educação com a Antropologia, mas ao usar no seu texto a expressão “Ciências Humanas”, entendemos que o trabalho de estreitamento entre Educação, Cultura, Memória e Patrimônio pode também ser realizado pelas mãos da História.

consequência mais imediata será a conservação (ROSSI, 2009, p. 09-10). Claro está para nós, que moramos numa cidade que dispensa pouca, muita pouca, preocupação com seu Patrimônio Cultural, educar para respeitar e ter as tradições, a construção arquitetônica, os monumentos, as praças, preservados, significará muito para nossa Memória e História da cidade.

O resultado são dois projetos para a realização do estudo: um primeiro voltado para o estudo da feira livre e dos lugares da cidade onde encontramos rastros da História e dos negócios, através de elementos culturais (o Patrimônio Cultural propriamente dito) como o Pannel do Terminal Rodoviário de Feira de Santana, e um segundo projeto voltado para a produção de “cartas semelhantes a do jogo Perfil<sup>8</sup>”, da Grow, onde, ao receberem um lugar da cidade e um elemento da História dessa transição Idade Média - Idade Moderna (um lugar, uma pessoa, ou uma *coisa*), os alunos partem para elaborar algumas dicas para que os outros colegas descubram suas cartas. A elaboração dessas dicas, a concentração em ouvi-la para tentar descobrir a carta, a leitura que se faz da cidade e dos seus Patrimônios, compensa imensamente ao trabalho, não somente enquanto um trabalho de professor em sala de aula, mas de um sujeito que consegue enxergar nessa relação tão pluridisciplinar uma enorme possibilidade de termos uma série de olhares respeitosos lançados sobre nossa história, sobre nossa memória, sobre nosso Patrimônio Cultural. Para o terceiro ano do projeto, a compensação é um elemento concreto...

Aqui abaixo seguem projetos e algumas cartas...

### Projeto I

Projeto História da feira livre – City Tour por Feira de Santana 7º Ano 2015

*“Tenho na vida um tesôro  
Que vale mais de que ôro:  
O meu liforme de côro,  
Pernêra, chapéu, gibão.  
Sou vaquêro destemido,  
Dos fazendêro querido,*

---

<sup>8</sup> Um jogo de tabuleiro com cartas sobre lugares, personagens, anos ou *coisas*. Cada carta traz vinte pistas sobre o seu tema, para o jogador tentar acertar a que ela se refere. *Adaptamos* elaborando uma carta de baralho com lugares (de História, Desenho, Memórias, Patrimônio... Cultural!) de Feira de Santana.

*O meu grito é conhecido  
Nos campo do meu sertão.”*

(O vaqueiro, de Patativa de Assaré)

“Mais do que o símbolo comercial e humano do grande empório do sertão, a feira livre era uma festa, um teatro mambembe, de tabuleiros e lonas, palco fervilhante de pequenas compras e dos grandes negócios de gado, realizados pelos pecuaristas na igualmente famosa feira do gado”

(Vicente Deocleciano)

Os alunos da 7º Ano do Ensino Fundamental através da Área de História, estão envolvidos com um estudo de algumas atividades econômicas que marcaram a transição Idade Média - Idade Moderna, que nos serviu, juntamente como o primeiro momento de colonização do Brasil, como elemento norteador de um estudo maior sobre a história da cidade de Feira de Santana, suas feiras livres e seus incontáveis espaços de negócios, de transações comerciais, tão característicos nos dias de hoje.

Aproveitando essa realização, incluímos no nosso projeto um estudo sobre História, Memória e Patrimônio, num entrelace que permita ao aluno compreender esta relação e ao mesmo tempo possibilite cada educando posicionar-se enquanto sujeito responsável pelo conhecimento e preservação de alguns lugares de memórias (lugares patrimônios) na nossa cidade.

Já discutimos sobre a exploração do pau-brasil e a relação estabelecida entre portugueses e índios (através do escambo) e apresentamos uma mesa redonda refletindo sobre algumas questões que marcaram as tensões sociais no engenho produtor de açúcar. Recentemente, nos voltamos para discutir a presença do gado bovino e a ocupação do sertão nordestino, inclusive a urbanização desse espaço, graças ao perseverante trabalho dos criadores e vaqueiros. Nossa cidade que está atrelada a essa história, é uma cidade de vaqueiros, tropeiros, currais, matadouros, feiras livres e vários outros pontos de negócios e comércios, reveladores de uma *vocação comercial* intensa que os moradores da cidade, possível traço de uma identidade que une aqueles que nascem e todos aqueles que chegam na *urbis*.

Sabendo da peculiar relação de Feira de Santana com essa história, estamos preparando uma visita a alguns espaços da cidade, que favorecerão nossos estudos.

Planejamos sair do Gênesis no dia 05 de Maio, às 13:00h para retornar ao Colégio às 18:00h.

Inicialmente, por volta das 13:30h, chegamos a Expofeira (Parque de Exposição Agropecuária), onde acontece a maior exposição agropecuária do Estado da Bahia. Iniciamos uma provocação sobre a importância do comércio do gado bovino para a região; seguimos para uma feira livre, a feira do Tomba (bairro bastante popular da cidade) e logo em seguida, nos dirigimos para a Terminal Rodoviário de Feira de Santana, onde fazemos um minucioso estudo sobre o painel em azulejos que parece revelar o que foi a feira livre nos anos de 1960, quando foi construído (1967). O trabalho do artista Lenio Braga possibilita uma significativa compreensão sobre o cotidiano da feira livre interiorana e dos sujeitos que ali viviam e faziam suas histórias. Soubemos que nos dias de hoje, azulejos estão caindo, causando o risco de uma enorme perda para a História da Arte, do Desenho, da Memória e do Patrimônio Cultural. Esse painel foi tombado pela IPAC, mas os riscos são sérios...

Em seguida partimos para o Centro de Abastecimento, maior espaço de comercialização de frutas e verduras da região, não sem antes passarmos no *Feiraguai*, um espaço destinado para camelôs que disputam minúsculos espaços em lojas e boxes ainda menores, para negociarem *todo tipo de produto capaz* de ser imaginado. Hoje, certamente, um grande ponto turístico comercial da cidade. Detalhe: esse centro comercial que parece possuir um Projeto para ser transformado em Shopping Popular a céu aberto, já foi, nada mais, nada menos, a nossa Estação Ferroviária, responsável por partidas e chegadas, em direção ao Recôncavo, uma saída da boca do sertão, em direção a Baía de Todos os Santos, em busca de venda de gado, de compra de mercadorias especiais que farão o comércio local se desenvolver cada vez mais... De volta ao Centro de Abastecimento, fazemos uma caminhada no imenso espaço destinado a comércio, em pequena e grande escala, de produtos como frutas e verduras, feijão, farinha, milho e carnes, goma, requeijão e ovos... Em seguida partimos para o atual Campo do Gado onde procuramos acompanhar de perto, um pouco do que restou da origem da nossa história – o comércio de bois, cavalos e burros ainda se desenrola de forma semelhante àquele de alguns anos passados. Visitaremos boxes, onde artesãos ainda fabricam e/ou consertam artefatos de couro para montarias.

Voltamos passando por um espaço de concentração de restaurantes, vizinho ao principal shopping da cidade, hoje um espaço imensamente valorizado, que nos anos de 1960, aquele mesmo da construção do Terminal Rodoviário e do Painel de Lenio Braga, era o Campo do gado Velho, onde Glauber Rocha fez algumas tomadas de “Deus e o diabo na Terra do Sol.”

## Projeto II

Atividade em dupla de produção de textos e de *cartas*\*. (Inspirado no Jogo Perfil)

Tema 1: História de Feira de Santana

Tema 2: História da Idade Moderna – Processo de Colonização do Brasil

#### OBJETIVOS (Para o estudo da História Local)

- Ampliar o leque de conhecimentos sobre o que estuda a História;
- Aprender sobre a história das feiras de Feira de Santana;
- (Re) Conhecer, através destes estudos sobre as feiras e Patrimônios Culturais de Feira de Santana, a memória individual e coletiva do lugar;
- Descobrir como “ouvir” os monumentos, as fotografias e memórias dos espaços de feiras livres e comércio;
- Compreender a importância da história de vida dos familiares para a história da própria cidade;

#### OBJETIVOS (Para o estudo da História da Transição Idade Média - Idade Moderna)

- Compreender o processo de expansão marítima – a busca de um caminho para as Índias - como elemento responsável pela conquista da América;
- Ampliar conhecimentos sobre cultura indígena;
- Reconhecer elementos desta cultura indígena dialogando com a cultura brasileira dos dias atuais;

#### METODOLOGIA

##### I Aspectos teóricos- metodológicos do estudo

\*Discussões provocadoras – Texto sobre “O tempo e o espaço urbano” (Le Goff, In: CAMPOS, 2012, p. 71)

\*Formação de duplas e, ocasionalmente, trios.

1. *City tour* por Feira de Santana
2. Quando e onde acontecem os fatos – as feiras de Feira de Santana
3. Vídeo – memória videográfica de Feira de Santana
4. Jogando “Perfil” – compreensão da atividade lúdica no processo de estudo de História

## II Os lugares que foram investigados:

1. O Campo do Gado
2. A Expofeira
3. O Centro de Abastecimento
4. O Feiraguai
5. A feira (livre) da Estação Nova
6. O Mercado de Artes
7. O Shopping Boulevard
8. O Ville Gourmet
9. A “rua”:

Rua Marechal Deodoro; Rua Sales Barbosa – Calçadão da Sales Barbosa; O Beco do Mocó; A Praça do Lambe lambe; A Avenida Getúlio Vargas; Av. Sr. Dos Passos...

## III Os temas da História da Idade Moderna que estamos estudando

1. Portugal – pioneirismo nas grandes navegações
2. Espanha – navegações
3. Comércio de especiarias
4. Índios
5. Aldeias indígenas
6. Cultura indígena
7. Jesuítas
8. Bandeirantes
9. Reforma
10. Contrarreforma

## IV O estudo quanto aos aspectos metodológicos e avaliativos

1. Quanto às aulas
  - a) 1ª fase – estudos sobre a feira livre
  - b) 2ª fase – estudos sobre a história de Feira de Santana e temas da Idade Moderna

- c) 3ª fase – formação de duplas; jogando Perfil; pesquisas e construção de textos sobre Feira de Santana e a Idade Moderna;
- d) 4ª fase – exposição das cartas; exposição na internet dos textos - em blog.

#### AVALIAÇÃO:

Esta será uma avaliação como tantas outras que resultará numa nota final; serão usados como critérios de avaliação:

- a) A discussão sobre os diversos temas - grau de maturidade do discurso, compreensão sobre conceitos e termos próprios da ciência;
- b) A discussão sobre o tema específico da dupla ou trio;
- c) Construção do texto sobre temas e elementos de identificação da carta (do jogo Perfil);
- d) O envolvimento com a história de Feira de Santana - a investigação que vem sendo desenvolvida e demonstrada pelas discussões;
- e) A produção da carta;
- f) A produção do texto sobre a história de cada tema selecionado para os alunos
- g) O cumprimento de cada atividade, no prazo estabelecido em sala de aula em acordo professor-aluno.

#### Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. 2. ed.; Massangana; Recife e Cortez: São Paulo, 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. 3.ed. Cortez; São Paulo, 2012.

CABRAL, Muniz Sodré de Araújo. *O Bicho que chegou a Feira*. Francisco Alves Editora; Rio de Janeiro, 1991.

FERREIRA, Jerusa Pires. Um longe perto – Os segredos do sertão da terra. Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. UEFS; n°1: Feira de Santana, 2002.

FRITZEN, Janine Moreira (org.). As linguagens artísticas na formação humana. Papyrus; São Paulo, 2008.

GALVÃO, Renato de Andrade. *Os povoadores da região de Feira de Santana*. Revista Sitientibus, UEFS, Feira de Santana, v. 1 Jul/Dez de 1982. P. 25 – 31.



GERRTEZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ª ed. : LTC: Rio de Janeiro, 2014.

GRUNBERG, Evelina. *Manual de atividades práticas de Educação Patrimonial*. Brasília, IPHAN, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. DP&A; Rio de Janeiro, 2005.

MORAIS, Cledson José Ponce. *Um entrecruzar de Histórias, símbolos e estórias: o cordel iconográfico de Lênio Braga*. Dissertação de Mestrado; UEFS: Feira de Santana, 2002.

ROSSI, Alessandra Vanessa (Org.). *Patrimônio cultural: entenda, preserve: Guia de atividades de educação patrimonial*; São Paulo, 2009.

ROCHA, Gilmar. *Antropologia e Educação*. Autêntica Editora; Belo Horizonte, 2009.